

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO BENEDITO PEREIRA DO NASCIMENTO

Feliz coincidência marca, neste momento alto de minha existência, a realização desta solenidade de posse.

É hoje o Dia Nacional da JUSTIÇA e, como tal, de louvores e agradecimentos a Nossa Senhora da Conceição Imaculada.

Permiti, Senhores Acadêmicos, ao ingressar neste venerando Sodalício, após generosa escolha vossas, repetir, com emoção, as palavras que proferi quando assumi o honroso cargo de Presidente do Colendo Tribunal de Justiça do Estado.

Sob o suave eflúvio da fé, arraigada na alma brasileira, genuflexo perante o altar da força redentora da cruz, suplico pela suprema e divina benevolência.

SENHOR, EU NÃO SOU DIGNO!

Alegro-me em dizer aos Senhores Acadêmicos que aí está a razão da minha demora em chegar.

Caminhei e parei. Refleti o quanto a sabedoria do tempo permitiu, até trazer-me a decisão de, hoje, estar entre vós.

Profundo é o meu reconhecimento pela benevolência da espera.

Peço a Deus me faça digno de tamanha ventura.

Senhor Presidente, Autoridades, Acadêmicos, Senhoras e Senhores.

Venho das terras desbravadas pelos bandeirantes, venho da seiva haurida das raízes do solo querido, venho de Cuiabá, cidade da hospitalidade, asilo da integração e da unidade do território nacional.

Cuiabá, Senhores, como berço e matriz, é síntese do espírito bandeirante da Nação brasileira.

O bandeirantismo, traduzindo expansionismo geográfico, é um fenômeno histórico-social genuinamente brasileiro e que fez resultar em direito internacional público no *uti possidetis*.

O preço deste amor é algo de envaidecer a gente mato-grossense pela sabedoria em defender as fronteiras de nosso imenso território.

Não falo só da preservação da unidade do País.

Pertenço a uma geração que cresceu embalada pelos valores perenes que informam as letras e a alma desta Instituição.

Sempre que venho a este Sodalício, renovo aqui o meu compromisso com a Pátria.

Por estas paredes, endurecidas pela História, recebemos o ânimo do brio e o estímulo do civismo.

Aqui compareço, Senhores Acadêmicos, pobre de idéias, mas rico de ideais.

Nada vos trago, mas chego consciente das tradições desta augusta Casa e do valor dos vultos que por aqui passaram e dos que atualmente a compõem.

Mato Grosso não é apenas seu passado construído com lutas e sacrifícios, é também seu rico presente.

Nada floresce sem que o passado tenha legado a semente.

Sempre tive dois princípios norteadores da minha vida: a fé e o respeito ao passado.

A fé, porque guardo na memória as palavras evangélicas de Santo Agostinho: *A fé é cremos no que vemos e a recompensa da fé é vermos em que cremos.*

No canto poético de Mário Quintana, *O passado não conhece seu lugar. Está sempre no presente.*

Ou, ainda, consoante a expressão feliz de Carlos Xavier Paes Barreto, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia, ao escrever sobre Joaquim Nabuco: *Há mortos que falam do túmulo e cuja voz é preciso escutar. Isso depende de nós, porquanto a vida dos mortos reside na memória dos vivos.*

Urge, portanto, extrairmos do passado as lições para o futuro, pois somos todos homens com os mesmos sonhos, as mesmas esperanças nos destinos do Brasil.

O PATRONO

Não creio possa haver na vida de um homem dignidade mais enobrecedora do que a de educador.

Somente as boas ações tornam o homem imortal, ou como afirmava Diderot *A imortalidade é uma espécie de vida que adquirimos na lembrança dos homens.*

Assim, projetou o seu nome no cenário do ensino mato-grossense, como um dos seus expoentes, o nosso Patrono, Professor José Estêvão Corrêa, da Cadeira nº 20. Nasceu no dia 2 de agosto de 1840, em Cuiabá e aqui faleceu em 12 de outubro de 1917.

Espírito vivamente consagrado ao magistério.

Desenvolveu ação no sentido de mudar o panorama do ensino em consonância com a realidade brasileira.

A educação nacional, nessa época, passou a receber influência dos ideais da Revolução Francesa.

De sua privilegiada existência, dedicou quarenta e sete anos à atividade educacional, ensinando *mais com exemplo do que com a doutrina*, como diria João Mangabeira ao referir-se ao paladino do Direito e da Legalidade, Ruy Barbosa.

José Estêvão Corrêa foi educador que, pela fecunda atuação na cátedra, deixou indelevelmente ligado o seu nome à causa da educação.

Foi jornalista, exerceu o cargo de Inspetor Escolar, Diretor Geral da Instrução Pública, Diretor do Liceu Cuiabano e foi eleito Deputado à Assembléia Provincial.

Homem superior e de consciência iluminada.

Ao suceder ao nosso Patrono, dele disse Philogônio de Paula Correia: *Durante quase meio século da sua permanência na atividade do magistério, não houve, no Departamento do Ensino, uma só iniciativa, uma reforma, uma nova fundação, que não tivesse a sua sempre acatada colaboração.*

O Professor José Estêvão Corrêa alçou à condição de Patrono da Cadeira n. 20 deste Areópago, legando aos pósteros exemplos que sugerem reflexão e, como sementes benfazejas, se reproduzem em atos meritórios.

É preciso, Senhoras e Senhores, extrair do passado os alicerces de um ensino público que os tempos atuais reclamam, ademais quando, no Brasil, o analfabetismo perdura afrontosamente.

OS ANTECESSORES

Philogônio de Paula Correia e José Adolpho Lima Avelino, este foi Juiz de Direito, ao depois, Primeiro Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Cuiabá.

Lima Avelino, segundo Luis-Philippe Pereira Leite, teve uma vida devotada às letras jurídicas, sendo orador eloqüente.

Do Professor Philogônio na infância ouvi, repetidas vezes, a minha saudosa mãe, também educadora, afirmar envaidecida: *Fui aluna de Philogônio e Nilo Póvoas.*

Da incorruptível toga do eminente Desembargador Antônio de Arruda brota o seguinte testemunho: *Os que tiveram a ventura de ser seus discípulos sabem do encanto com que ele conseguia transmitir as lições.*

Philogônio de Paula Correia não foi apenas educador exemplar, mas homem de fidelidade a princípios, fidelidade a sua gente, fidelidade à alma nacional.

Distinguiu-se, igualmente, como orador, parlamentar e jornalista.

Jamais faltou aos princípios para se amoldar às conveniências.

Por ocasião de seu ingresso neste Sodalício, o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima deu a dimensão da sua grandeza moral: Lisonjeado pelo Senador Azeredo com o convite para ensinar no Colégio Pedro II, teve a hombridade de dizer-lhe um **não**. E indagado sobre o que iria fazer, retorquiu: *Política contra Vossa Excelência.*

Deixou-nos marcas de sua personalidade e inteligência.

Como iniciar a falar do homem de letras que realçou a cadeira que a partir de hoje passarei a ocupar?

Recordo-me, neste instante, da frase de Latino Coelho na Oração da Coroa que diz: *Não me enleia o faltar-me o que contar de ti e dos teus; enleia-me o não saber por onde começar.*

Senhores Acadêmicos, Senhoras e Senhores, volto ao passado longínquo, ao tempo em que estudava no tradicional Liceu Cuiabano e contemplo num quadro, emoldurado pelo farfalhar das imponentes palmeiras cuiabanas e pelos majestosos coqueirais nordestinos, a figura do Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima.

Conheci-o na minha juventude como pedagogo e Auditor da Polícia Militar. Foi meu professor de História Geral.

Mereceu, desde logo, a admiração dos seus discípulos que o consideravam sábio e justo. Aliás, o ensinamento platônico define que *não há justiça sem homens justos.*

Entre o mestre e os alunos surgiu uma amizade fraterna. Dessa relação amistosa, que se estendeu até as residências amigas e aconchegantes do poeta Carmino de Campos e do humanitário médico Dr. Agrícola Paes de Barros, recolhemos valiosas lições do professor Sávio.

Embora se gabasse de seu estado de celibatário, o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima não se rendeu, apenas, à hospitalidade cuiabana, mas aos encantos e virtudes da queridíssima Professora Universitária Josephina Paes de Barros Lima. A melodia *only you* embalou-lhes o namoro, o noivado e a vida conjugal. Uniram-se por casamento e tiveram dois filhos, o advogado Domingos Sávio Brandão Lima Júnior, próspero empresário, e Luiza Marília de Barros Lima, bacharela em Comunicação Social.

Serviu-lhe de berço a cidade de Maceió, onde foi aluno do Seminário Metropolitano e, após, na Escola Técnica, cursou Contabilidade e Administração. Na terra do romancista Graciliano Ramos, que bem conheceu os sertões nordestinos, Domingos Sávio foi funcionário público federal. Colou grau, em 1955, na Faculdade de Direito de Alagoas. Fez o Curso Superior de Guerra (1972) e Cursos de Atualização (1977 e 1982), também, na Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro. Foi jornalista, advogado e professor em Alagoas e São Paulo. Em Mato Grosso, exerceu o magistério no Liceu Cuiabano, na Escola Normal Pedro Celestino e professor Catedrático de Direito Romano na Faculdade Federal de Direito em Cuiabá. Nomeado pelo Ministério de Educação e Cultura, presidiu a Comissão destinada a instalar a Faculdade de Direito de Campo Grande. Operosa e brilhante foi a sua trajetória na Magistratura de Mato Grosso.

Homem que, segundo Machado de Assis, tinha *a virtude de não esmorecer com as vazantes, nem alucinar-se com as enchentes*, pela cultivada inteligência, intuição jurídica e senso prático.

O egrégio varão, cuja memória hoje reverenciamos, viveu a plenitude de todos os seus instantes.

O Padre Antônio Vieira disse com a sabedoria do gênio: *Uma coisa é contar os anos, outra é vivê-los; uma coisa é viver, outra é durar. As nossas ações são os nossos dias; por elas se contam os anos, por estas se mede a vida, enquanto obramos racionalmente, vivemos; o mais do tempo duramos.*

Ou como proclamou Ruy Barbosa, referindo-se a Osvaldo Cruz, posso asseverar que Dr. Sávio *tinha o senso de sua vocação e esta não lhe consentiu hesitar.*

Autoridade sem violência, era trabalhador infatigável e zeloso do exato cumprimento do dever. A pontualidade era-lhe qualidade intrínseca. Logo fez sentir a sua influência e o seu exemplo. Em tudo deixou as marcas de um idealista convicto.

Participou de campanhas cívicas em prol da instalação da Universidade Federal em Cuiabá.

Exerceu, ao lado dos Desembargadores Leão Neto do Carmo, João Antônio Neto e William Drosghic, força renovadora do Judiciário de Mato Grosso. Desempenhou o cargo de Auditor da Polícia Militar do Estado. Foi Juiz de Direito nas Comarcas de Diamantino, Santo Antônio de Leverger, Poconé e Primeira Vara da Comarca de Cuiabá.

Senhores Acadêmicos, Deus me concedeu a graça de trabalhar, ainda nos meus 23 anos, como Promotor de Justiça, com exceção de Diamantino, nas Comarcas onde Dr. Sávio julgava. Dele recebi estímulo e conselho. Sou-lhe todo grato.

Desde Juiz de Primeira Instância, Desembargador, Corregedor Geral de Justiça, Presidente, por duas vezes, do Tribunal de Justiça, o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima dignificou a magistratura, notabilizando-se como julgador independente e modelar, percuciente e culto.

O mourejar incessante desse grande homem vem demonstrar, como bem realçou o Ministro Moreira Alves, do Supremo Tribunal Federal, que *só os médiocres não desagradam, porque não incomodam.*

Sólidos os seus conhecimentos de filosofia e sociologia. Habitara ao trato dos clássicos da língua e revelou pendor pelos estudos históricos, características marcantes nos seus trabalhos jurídicos.

Senhoras e Senhores, substancioso e vasto é seu currículo, que espero, ainda mais, sintetizar.

Participou de Congressos nacionais e internacionais, representou o Tribunal de Justiça em Encontros de Desembargadores e Simpósios sobre o Código Civil.

A aposentadoria não lhe foi ponto final.

Representou Mato Grosso em Encontros Nacionais de Secretários de Justiça e Segurança e, ainda, nas reuniões da Escola Superior de Guerra. Membro de inúmeras Associações e Instituições. Presidiu a Conselhos e Comissões. Paraninfou bacharelados em Direito.

Recebeu vários títulos de cidadania, diplomas, medalhas e comendas, destacando-se o Colar do Mérito Judiciário Nacional, Comendador da Ordem do Ipiranga, São Paulo, e Grande Oficial da Ordem do Mérito de Mato Grosso.

Perito na arte de falar.

Proferiu conferências em Faculdades de Direito, inclusive na do Largo de São Francisco.

Estudava diuturnamente. O livro era o seu amigo predileto. Em boa verdade, tinha razão, pois o admirado pregador sacro Vieira asseverou em pensamento lapidar: *O livro é um mudo que fala, um surdo que ouve, um cego que vê.*

Livros publicados, monografias, artigos, discursos, votos, acórdãos, sentenças, revelam uma inteligência limpa e vertical, rica de ciência e de bondade.

A obra do jurista é a única que permanece quando cessa o tumulto das revoluções, ensina Georges Ripert.

Deixou às gerações futuras aquela lição suprema de Sêneca à humanidade: *O bem único, o mais precioso que lhe restava: a imagem de sua vida.*

Testemunhei, com lágrimas nos olhos, o desvelo dispensado pela Professora Josephina e filhos ao Dr. Sávio.

Visitava-o frequentemente e era doloroso vê-lo sofrer quando queria viver. Disse-me, em certa feita: *É bom, doce e suave morrer ao lado de Josephina.*

Por fim, soube aceitar com confiante resignação e conforto da família e amigos, as provações que os misteriosos desígnios da Providência lhe fizeram chegar ao coração.

Só a morte, que lhe adveio aos cinquenta e sete anos, deteria a beleza de sua vida. Ainda bem que *a morte é o começo da imortalidade,* como exclamou Robespierre.

Faleceu em Cuiabá, na manhã do dia vinte e sete de dezembro de 1985, véspera do aniversário de seu casamento.

Quando um grande homem, ornado por virtudes paradigmáticas, suscita admiração, temos de citá-lo, de invocá-lo sempre.

Bendita a Magistratura de Mato Grosso que tem o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima como exemplo digno de ser imitado!

Reservou a mim o destino, no imponderável de suas imprevisões, de vir ocupar a cadeira, que o imortalizou.

Como Jefferson disse de Franklin, um homem de tal envergadura, nesta Academia, *eu apenas o sucedo. Ninguém poderá jamais substituí-lo.*

Recordo e exalto as figuras maiores de Dom Aquino Corrêa, José Barnabé de Mesquita, Rondon, Joaquim Murtinho, Francisco Mendes, Nilo Póvoas, Cesário Neto e Rubens de Mendonça.

Recordo com saudade de Gervásio Leite, Archimedes Pereira Lima, Virgílio Alves Corrêa Neto, João Moreira de Barros, Octayde Jorge da Silva, Agenor Ferreira Leão, Silva Freire e Hélio Jacob.

Vivemos no dealbar do terceiro milênio, num mundo que celeremente se transforma, que não basta andar, porque é necessário correr para acompanhar o ritmo vertiginoso das mutações que a era tecnológica enseja.

Esta assertiva informa a missão maior da Universidade Federal de Mato Grosso, da qual sou Professor Fundador, que vem caminhando deste 1970 para assumir uma mocidade de vinte e cinco anos de existência, neste 10 de dezembro. Rendo-lhe a minha homenagem.

Obrigo-me a homenagear Luis-Philippe Pereira Leite, Presidente do Instituto Histórico de Mato Grosso e, ainda, representante nosso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A vocação literária e sentimento de Pátria acordaram nele, quando adolescente. Espírito esclarecido e culto, religioso e humanista.

Discute com lucidez, através de amiudadas tertúlias telefônicas, questões históricas e atuais com erudição, que nem a privação visual foi capaz de prejudicar-lhe.

Na sua figura, homenageio os servidores do Poder Judiciário de Mato Grosso e, particularmente, os do meu gabinete, exemplares na dedicação ao serviço público.

Lenine de Campos Póvoas, Presidente anterior da Academia Mato-Grossense de Letras, cinco vezes reeleito, é mestre do Direito no meu tempo.

Exímio cultor do vernáculo. Estilo fluente e conciso. Linguagem conscientemente trabalhada. Como apaixonado investigador, busca a exatidão histórica.

Clóvis de Mello, também Presidente deste Sodalício, antecedendo o Presidente de hoje, Juiz da Justiça Federal aposentado e ainda Doutor em Direito no magistério superior. Admirado desde jovem, pelo vigor da oratória. Granjeou admiração nos auditórios forenses e literários.

Tenho-os como herdeiros e repassadores de tradição e cultura, honradez e abnegação da Casa de Barão de Melgaço.

Na figura da Acadêmica decana Maria de Arruda Müller, homenagem, por inteiro, todos os Acadêmicos deste Silogeu.

Os parentes são os amigos que Deus nos dá.

Os amigos são os parentes que damos a nós mesmos.

Reconheço, antes e durante a minha vida pública, a amizade de Benedito Pedro Dorileo, Mauro José Pereira, Atahide Monteiro da Silva, José Vidal, Marildes Sant'Ana da Costa, Djalma Duarte Metelo Caldas e Luiz Vidal da Fonseca.

Não posso esquecer-me, nesta hora, de José Monteiro de Figueiredo, Dr. Zelito, que há pouco nos deixou, exemplo digno e vivo de médico, político, cidadão, chefe de família e amigo.

Que este momento, também, me seja propício para evocar, com imperecível saudade, a memória da minha Mãe que, juntamente com meu pai, legaram a seus filhos e netos exemplos de dignidade e sacrifício, de vida e amor.

Reconheço o gesto da Presidência na pessoa do Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro, em proferir referências bondosas a mim dirigidas, reflexo da convivência fraterna nesta Casa.

Agradeço as palavras sumamente generosas, proferidas pelo coração amigo do eminente Desembargador - Acadêmico João Antônio Neto, cuja toga foi sempre cerzida pela austeridade e pela poesia.

Honraram-me e encheram-me a alma de emoção, nas suaves reminiscências de anos que já se vão longe.

Sua Excelência na jornada da vida sempre brilhou.

Brilha na modéstia a ocultar grande saber.

Brilha pela fulgurante inteligência.

Brilha, sem ar doutoral. Brilha como mestre emérito, jurista, filósofo do Direito, escritor, historiador, pensador, poeta, crítico literário e humanista.

Brilha por seu espírito público, trato fidalgo, sedimentada cultura e inesgotável capacidade de trabalho.

Brilha pelo bom senso e coração, espalhando afeições.

Gente e coisas, casas e pássaros, perfumes e sons desta terra cuiabana me povoam de indeléveis lembranças.

Descendente, pelo lado materno, de família cristã, inteiramente voltada para o magistério, recebi formação religiosa de missionários salesianos modelares.

A minha infância, no poema de Vinícius de Moraes, foi *humilde mas linda, tão linda que mesmo longe continua em mim ainda*.

Agradeço ao Criador que veio ao meu encontro e me deu força e diretriz para palmilhar na incompreendida missão de julgar. E somente assim não temer, jamais, os obstáculos do ofício.

A Odete, minha dileta esposa, por seu incondicional apoio e orações incessantes. Renan, Jorama e Jordam, filhos queridos, herança do Senhor, envolvendo de alegria a nossa existência, compõem o encanto de nossa vida.

Alegram-me e confortam-me as presenças dos colegas de Judicatura, das Autoridades, dos parentes, dos amigos e dos ex-alunos.

Agradeço aos que vieram de longe num gesto de amizade.

Agora, com maior prazer, deponho aos pés da querida Cuiabá, em que nasci e não posso deixar de amar, o carinho orvalhado, para poucos méritos, que recebi nesta inesquecível noite.

Que assim seja!